

O PORQUÊ DE ENSINAR AS VARIANTES LINGUÍSTICAS: UMA ANÁLISE DA CONCEPÇÃO DOS ALUNOS DE PEDAGOGIA

Érica Pires Conde ¹

Roberta Shirleyjany de Araújo ²

Maria da Conceição Magalhães Batista Costa ³

RESUMO

Com o surgimento da sociolinguística como ciência, a heterogeneidade e as discussões das variações linguísticas começaram a ser consideradas nos diferentes contextos sociais, adentrando a sala de aula. Foi preciso, então, considerar duas questões basilares no ensino de língua portuguesa: conservar a identidade linguística do aluno e ensinar a variante padrão. Por acreditar que mudanças no ensino começam na formação básica dos professores, resolvemos investigar a concepção dos futuros docentes de pedagogia em relação à razão para ensinar as variantes linguísticas em sala de aula. Assim sendo, uma questão norteou este estudo: Como os estudantes de pedagogia da Universidade Federal do Piauí concebem o porquê de ensinar as variantes linguísticas em sala de aula? Foram nossos objetivos: verificar a formação básica do aluno de pedagogia quanto a modelos teórico-metodológicos da sociolinguística e analisar a visão que eles têm quanto ao porquê de se ensinar as variantes linguísticas. Fizemos uma pesquisa-ação, de cunho quanti-qualitativo. Foram sujeitos de nosso estudo 19 alunos do curso de pedagogia, que responderam a um fórum assíncrono com a temática “a aula de português”. Usamos um aporte teórico, tendo por base autores como Labov (1969), Faraco (1998), Mollica e Braga (2003) e Silva (2018), Soares (1989), Bagno (2000), Beline (2002), Bortoni-Ricardo (2004), Faraco (1998), Mattos e Silva (2006), Bagno (2007), Antunes (2007), Santos, Nogueira e Andrade (2017) e Damacena (2020). O resultado aponta que os estudantes de pedagogia concebem que o ensino da língua portuguesa deve possibilitar a conscientização de diferenças sociais e, consequentemente, linguísticas.

Palavras-chave: Ensino, Variantes linguísticas, Pedagogia.

INTRODUÇÃO

O ensino da língua portuguesa, na educação brasileira, sempre considerou mais a língua como homogênea. Entretanto, é sabido que o Brasil possui pluralidades de culturas e, conseqüente, diversidades linguísticas.

¹Doutoranda em Letras – Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGEL da Universidade Federal do Piauí - UFPI, ericaconde@uol.com.br;

² Mestre em Letras – Estudos de Linguagem pelo Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGEL da Universidade Federal do Piauí - UFPI, robertashirleyjany@gmail.com;

³ Mestranda em Letras – Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGEL da Universidade Federal do Piauí – UFPI, conceicao@ufpi.edu.br;

Com o surgimento da sociolinguística como ciência, a heterogeneidade e as discussões das variações linguísticas começaram a ser consideradas nos diferentes contextos sociais, adentrando a sala de aula.

Os professores começaram a perceber que os aspectos sociais, históricos, culturais e linguísticos apresentavam um desafio no que se refere ao ensino do português padrão. Foi preciso, então, considerar duas questões basilares no ensino de língua portuguesa: conservar a identidade linguística do aluno e ensinar a variante padrão.

Por acreditar que mudanças no ensino começam na formação básica dos professores, resolvemos investigar a concepção dos futuros docentes de pedagogia em relação ao motivo para ensinar as variantes linguísticas em sala de aula. Por essa razão, uma questão norteou este estudo: Como os estudantes de pedagogia concebem o porquê de ensinar as variantes em sala de aula?

Foram nossos objetivos: verificar a formação básica do aluno de pedagogia quanto a modelos teórico-metodológicos da sociolinguística e analisar a visão que eles têm quanto ao porquê de se ensinar as variantes linguísticas em sala de aula.

Fizemos uma pesquisa-ação, de cunho quanti-qualitativo. Foram sujeitos de nosso estudo 19 alunos do curso de pedagogia, que responderam a um fórum assíncrono com a temática “a aula de português”.

Nossa pesquisa usou um aporte teórico, tendo por base autores como: Labov (1969), Faraco (1998), Mollica e Braga (2003) e Silva (2018), que mostram as características da sociolinguística e sua relação com o ensino, e Soares (1989), Bagno (2000), Beline (2002), Bortoni-Ricardo (2004), Faraco (1998), Mattos e Silva (2006), Bagno (2007), Antunes (2007), Görski e Coelho (2009), Carneiro (2014), Santos, Nogueira e Andrade (2017) e Damacena (2020), que indicam a necessidade de, no ensino de língua portuguesa, o professor mostrar a língua como heterogênea.

Um estudo como este possibilita mostrar a importância da discussão, nos cursos de formação de professores, sobre a diversidade social e linguística existente no Brasil

O resultado aponta que os estudantes de pedagogia concebem que o ensino da língua portuguesa deve possibilitar a conscientização de diferenças sociais e, conseqüentemente, linguísticas.

A SOCIOLINGUISTICA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO

Com o surgimento da sociolinguística, a linguagem passou a ser vista como social, havendo uma correlação entre a língua e a história cultural dos falantes. Para Labov (1969), é no contexto social que as falas fluem e que as interações ocorrem.

Entender a sociolinguística como uma ciência que aborda a língua no contexto social consiste no primeiro passo para compreendermos o porquê de sua importância no contexto da educação.

Seja em qual nível de ensino o professor atue, é preciso pensar a língua como uma entidade viva, que sofre mudanças constantes. É preciso também entender que o aluno já chega à escola sabendo usar o seu idioma.

Mollica e Braga (2003, p. 47) indicam como fonte de interesse da sociolinguística o aspecto social da linguagem, “desde pequenos grupos socioculturais a grandes comunidades.”

A sociolinguística, como ciência, oferece vários modelos teórico-metodológicos para investigar a variação e a mudança. Mollica e Braga (2003) afirmam que uma das linhas mais conhecidas, que instrumentaliza a análise dessa vertente é a teoria da variação, a qual objetiva descrever uma língua e seus determinantes.

A partir dessa visão, tivemos o rompimento com as vertentes que concebiam a língua homogeneamente, levando-nos a vê-la como um sistema marcado por alterações e mudanças. Há, na visão de Faraco (1998), uma ampliação do estudo da variação linguística com a sociolinguística e, conseqüentemente, começamos a ver a dimensão geográfica (dialetologia) e social da linguagem.

Segundo Faraco (1998, p. 117):

A sociolinguística dá nova força empírica ao princípio de que a mudança não se dá por mera substituição discreta de um elemento por outro, mas que o processo histórico, pressupondo sempre um quadro sincrônico de variação, envolve fases em que as variantes coexistem, ao caso da qual uma termina por vencer a outra, podendo – por vicissitudes do processo – subsistirem áreas sociais e/ou geográficas em que a mudança não se dá.

Dessa maneira, as mudanças, a partir da sociolinguística, passam a ser inerentes ao uso da língua e devem ser analisadas numa vertente histórica, pressupondo a sincronia em sua análise.

Para Silva (2018), a sociolinguística precisa ser percebida como parte fundamental na formação dos professores, por possibilitar o reconhecimento de diversos fenômenos variáveis e, conseqüentemente, o combate ao preconceito linguístico.

Os diálogos existentes entre a sociolinguística e o ensino, na visão de Silva (2018), necessitam adentrar a sala de aula e abrir espaços para uma formação significativa e crítica dos alunos, que precisam entender a heterogeneidade linguística como ponto de partida para o ensino da língua.

AS VARIANTES LINGUÍSTICAS E O ENSINO

No domínio social, há várias formas de usar uma língua. Essas formas se materializam como sendo variantes linguísticas. Para Bortoni-Ricardo (2004), as regras existentes na sociedade, quanto ao uso de uma língua, podem estar documentadas ou apenas fazer parte da cultura, mas o importante é saber que sempre haverá variação de linguagem nos domínios sociais, porque a variação é própria de uma comunidade.

Beline (2002), quanto à variação de uma língua, indica que se a variação leva em conta o lugar, é diatópica; caso a ênfase seja na situação (mais ou menos formal), é diafásica; e se a ênfase é no nível econômico, é diastrática.

Bagno (2007), ao se posicionar sobre essa questão, retoma a classificação de Faraco (1998) no que se refere às mudanças históricas sofridas em uma língua: variação fonético-fonológica, em que há pronúncia de maneira diferente; variação morfológica, termos com mesmo significado, mas com sufixos diferentes; variação sintática, em que há frases com posição diferentes de termos em sua estrutura; variação semântica, o sentido do termo depende da região do falante; variação lexical, na qual palavras diferentes referem-se a um mesmo ser; e, por fim, variação estilístico-pragmática, em que o grau de formalidade ou informalidade, destacando diferentes jeitos de se expressar.

Damacena (2020), alinhando-se a Beline (2002), expõe que há diferentes variantes linguísticas: as que informam o grau de monitoramento que fazemos ao falar uma língua, relacionadas aos papéis sociais que assumimos; as diferenças existentes entre os estados, chamadas de diferenças dialetais, presentes no sotaque e no uso de alguns léxicos; e há as que são classificadas de acordo com o maior ou menor monitoramento que fazemos diante de seu uso, existindo uma tendência de indicar o grau de formalidade ou informalidade em seu uso.

No texto de Beline (2002), é possível perceber que, no contexto da variação diatópica, diafásica e diastrática, podemos encontrar a variação fonético-fonológica, a morfológica, a lexical, a semântica, a sintática e a estilístico-pragmática. Para a autora,

há duas possibilidades de analisar as variantes linguísticas: na perspectiva variacionista e na perspectiva dialetológica.

Vemos, então, na classificação de Beline (2002) e Damacena (2020), a perspectiva dialetológica, porque considera os aspectos regionais e sociais na localização e descrição dos dialetos de uma língua; já na categorização de Bagno (2007), constatamos a sociolinguística variacionista, que busca desvendar como a heterogeneidade se organiza.

Damacena (2020) diz que, frente a essas diferenças, surgem questionamentos que procuram entender por que uma variante é ensinada em detrimento de outra. Como é o caso do prestígio concedido ao ensino da variante culta, que, no Brasil, manifesta-se como demarcação da cultura, do que é erudição.

Görski e Coelho (2009), alinhando-se a Soares (1989), Bagno (2000) e Antunes (2007), no tocante ao bidialetismo funcional, além de entenderem que o aprendizado do dialeto-padrão na escola é necessário, registram a necessidade de a escola ensinar a norma culta, não por imposição, mas enfatizando os diferentes contextos de uso. Assim, não teríamos a substituição de uma variante por outra, mas a capacitação do domínio de duas, ou mais, variantes.

Nesse viés teórico, encontramos o papel da escola voltado para o desenvolvimento da competência comunicativa. Carneiro (2014) reforça esse argumento, mostrando a escola como um espaço social formador do cidadão, não podendo ignorar o ambiente cultural de seus alunos

Isso implica no aluno aprender os diversos usos existentes da língua. Reprisando os estudos Görski e Coelho (2009, p.84), criamos assim uma expectativa em relação ao papel do professor quanto ao ensino da língua portuguesa:

O que se espera, então, do professor de português é que ele trabalhe o hiato que existe entre a variedade trazida pelo aluno de casa (que nunca deve ser taxada de “erro”) e a norma culta, no sentido da inclusão social do aluno e não no sentido da discriminação ou da exclusão. Nessa direção, uma das primeiras tarefas do professor seria reconhecer a realidade sociolinguística da sala de aula e da comunidade onde está atuando, observando, por exemplo, se há mescla de dialetos evidente entre os alunos, seja dialetos regionais (rural/urbano; nortista/sulista, por exemplo), seja sociais (maior ou menor domínio da norma culta em decorrência de fatores sociais como o nível socioeconômico da família, por exemplo).

Fica, então, evidente que a realidade linguística deve ser trabalhada em sala de aula. Para Görski e Coelho (2009), o intuito é enfatizar a heterogeneidade da língua, fazendo comparações e combatendo o preconceito, sem, contudo, deixar de ensinar a norma padrão.

Santos, Nogueira e Andrade (2017), na mesma esteira teórica, mostram que o professor de português deve ser visto, na sala de aula, como um mediador do processo de ensino, explicando questões referentes à fala, sem se esquecer do uso da gramática.

Mattos e Silva (2006) reforçam, em seus estudos, a necessidade dos professores de português explicarem que certas variações não são bem-vindas em alguns contextos. Eles afirmam que para isso ocorrer é necessário o professor ter uma boa formação sociolinguística.

Indubitavelmente, estamos diante de uma questão de formação, na qual o professor de português precisa entender o seu papel de conciliar o ensino da norma padrão e explicar a existência de uma variação linguística que reflete o contexto cultural. É preciso, assim, ensinar a gramática, sem estigmatizar as variantes existentes numa sala de aula. Segundo Bortoni-Ricardo (2004, p. 42):

O professor deve incluir dois componentes: a identificação e conscientização [...] É preciso conscientizar o aluno quanto às diferenças para que ele possa começar a monitorar seu próprio estilo, mas esta conscientização tem de dar-se sem prejuízo do processo de ensino/aprendizagem, isto é, sem causar intervenções inoportunas [...].

Bagno (2007, p.118), alinhando-se à visão de Bortoni-Ricardo (2004), menciona que a tarefa do professor é conscientizar o aluno de que há contextos diversos para o uso das variantes linguísticas: “Usar a língua, tanto na modalidade oral como na escrita, é encontrar o ponto de equilíbrio entre dois eixos: o da adequabilidade e o da aceitabilidade.”

O que podemos dizer é que, para que isso se concretize, é preciso investir na formação básica do professor que irá trabalhar com o ensino da língua. Santos, Nogueira e Andrade (2017, p.7) afirmam:

Assim sendo, os professores de língua portuguesa têm um longo desafio pela frente no que tange ao processo de sua própria formação e entendimento sobre a heterogeneidade da língua, pois o professor, ao estudar a língua e ensiná-la, deve levar em consideração de que esta sempre sofrerá transformações ao longo do tempo e que seus falantes irão utilizá-la de formas diferentes.

Assim sendo, podemos falar que o ponto central para mudança no ensino da língua é a formação sociolinguística do professor de língua portuguesa e a, conseqüente, aquisição da visão heterogênea da linguagem. Não é ensinar uma variante em detrimento de outra, mas ensinar o contexto de uso da cada uma.

METODOLOGIA DA PESQUISA

Este estudo consiste em uma pesquisa-ação, quanto aos objetivos, com abordagem quanti-qualitativa. Nele procuramos verificar se a formação básica de estudantes do Curso de Pedagogia, da Universidade Federal do Piauí (UFPI), capacitava-os para identificar as variantes linguísticas e para elaborar um plano de tratamento didático-pedagógico de questões referentes à presença de variantes linguísticas na sala de aula.

A escolha por uma pesquisa-ação está no fato, segundo Moreira e Caleffe (2008), de ter as seguintes características: ser situacional, porque está preocupada com um problema específico num determinado contexto; ser colaborativa, uma vez que o pesquisador se insere na pesquisa; ser participativa, ou seja, fazer parte da situação analisada e, por fim, ser auto-avaliativa, ter por objetivo melhorar a prática.

Para Tripp (2005, p.445), o método da pesquisa-ação é desenvolvido por diferentes áreas. No contexto da educação, esse método é “uma estratégia para o desenvolvimento de professores e pesquisadores de modo que eles possam utilizar suas pesquisas para aprimorar seu ensino e, em decorrência, o aprendizado de seus alunos”.

Além do uso dessa proposta, utilizamos também a pesquisa quanti-qualitativa, visto que essas duas abordagens tratam de fenômenos reais. De acordo com Souza e Kerbauy (2017, p.40): “As abordagens qualitativas e quantitativas são necessárias, mas segmentadas podem ser insuficientes para compreender toda a realidade investigada. Em tais circunstâncias, devem ser utilizadas como complementares.”

Assim, o método pesquisa-ação, com a abordagem quanti-qualitativa, propõe um estudo amplo do objeto de pesquisa, considerando suas características e o contexto em que está inserido.

A coleta de dados deu-se com a análise das respostas dos alunos de pedagogia em um fórum criado na disciplina de Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa.

Tínhamos 25 alunos cursando, mas analisamos apenas 19 respostas, porque só consideramos aquelas postadas na plataforma SIGAA em tempo hábil.

A fim de preservarmos as identidades dos participantes desta pesquisa, optamos por chamá-los de alunos, acrescidos de uma letra do alfabeto.

A CONCEPÇÃO DO ENSINO DAS VARIANTES LINGUÍSTICAS POR ALUNOS DE PEDAGOGIA

Escolhemos para o andamento da disciplina Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa, da Universidade Federal do Piauí, em aulas remotas, aulas síncronas e atividades assíncronas, postadas na plataforma SIGAA – UFPI, sendo divididas em leitura de textos, participação em fóruns, realização de tarefas e conversas ocorridas no grupo de WhatsApp.

Como já sinalizamos, realizamos um fórum com a turma de pedagogia, sexto período, com a temática “a aula de português” com duas questões. Tendo caráter assíncrono, foi postado na situação em que trabalhávamos sobre a língua oralizada, com o intuito de solicitar que os alunos fizessem uma análise de uma fala registrada ("Fessora, posso ponhá a tarefa em riba da mesa? "/ " Sim, pode!"/ " Fale arto, fessora, num iscuito nadia!").

Verificamos que todos os alunos identificaram, na primeira questão do fórum, que se tratava de uma variante regional, identificando-a ora como regionalismo, ora como variação diatópica. Percebemos, aqui, uma identificação segundo a categorização de Beline (2002) e Damacena (2020), considerando a perspectiva dialetológica.

A segunda questão que procurou saber se o professor abordaria a variante linguística na sala de aula, levou-nos a extrair a informação sobre o porquê de ensinar as variantes linguísticas. Muitos alunos abordaram a questão da presença da diversidade linguística no contexto social e que esse já seria o motivo principal de o professor trabalhar esse assunto em sala de aula. Os exemplos abaixo mostram isso:

E1.: Abordar e trabalhar sobre o universo das variedades linguísticas constitui um desafio para o professor, **visto que o Brasil é repleto de inúmeras diversidades...** (grifo nosso) – aluno A

E2.: Num primeiro momento, é necessário que o professor faça uma introdução à temática, **de modo a explorar a riqueza e a diversificação das variações linguísticas existentes no Brasil.** (grifo nosso) – aluno G

E3.: É importante ressaltar que vivemos em um país de grande e rica miscigenação cultural, dialética com magníficas e inúmeras variações, onde é intrinsecamente importante a valorização da oralidade, **dessa riqueza que é a variação linguística existente no país.** (grifo nosso) – aluno K

Constatamos, nas respostas analisadas, uma forte tendência em associar o ensino da variante linguística à conscientização do aluno quanto ao respeito às diversas variações linguísticas presentes na sociedade.

Retomamos as ideias de Görski e Coelho (2009), Mattos e Silva (2006) sobre o estudo das variantes linguísticas na sala de aula, leva-nos a indicar que os alunos que participaram dessa pesquisa veem a heterogeneidade da língua como uma fonte de riqueza que deve adentrar na escola.

Para melhor entendermos as respostas dadas à questão, recorreremos ao uso do gráfico 1, a seguir.

GRÁFICO 1: RESPEITO ÀS VARIANTES LINGUÍSTICAS



FONTE: dados da pesquisa desenvolvidos pelas autoras

Conforme verificamos no gráfico, houve uma tendência, nas respostas dos alunos, em considerar as diferentes variantes linguísticas. Para os 79% dos alunos pesquisados, o ensino das variantes linguísticas tem por principal intuito o combate ao preconceito linguístico. Para ilustrar melhor a situação analisada, escolhemos dois exemplos:

E1: (...) É possível também desenvolver projetos voltados para essa temática de forma diversificada e interdisciplinar, **a fim de superar os preconceitos linguísticos que acabam sendo uma forma de exclusão social.** (grifo nosso)- Aluno C

E2: É imprescindível que **o professor esclareça e atue na desconstrução do processo de inferioridade** que recai sobre a linguagem regional, e, principalmente o preconceito linguístico que trata as expressões oralizadas no diálogo como “erros gramaticais”. (Grifo nosso) – Aluno M

Retomando as ideias de Bortoni-Ricardo (2004) e Silva (2018), percebemos que o futuro professor de pedagogia entende que deve incluir, no tocante ao ensino das variantes linguísticas, a identificação e a conscientização das diferenças existentes no contexto social.

Constatamos que a formação do aluno de pedagogia está alicerçada nos modelos teórico-metodológicos da sociolinguística, que buscam investigar a variação e a mudança na língua, segundo a visão de Mollica e Braga (2003).

Foi possível perceber também que, no grupo analisado, há a identificação do papel do professor como o responsável por formar cidadãos, sendo isso apresentado por Carneiro (2014), que afirma que é equivocado ensinar a língua portuguesa sem considerar o contexto social no qual os alunos estão inseridos.

Por fim, reafirmando as ideias de Mattos e Silva (2006) e Santos, Nogueira e Andrade (2017), acreditamos que construir uma base sólida para o ensino da língua está na boa formação sociolinguística do professor, que deve ver a língua como heterogênea, mas sem se esquecer da importância do ensino da norma padrão, porque o objetivo deve ser tornar o aluno competente para entender e usar as diversas variantes linguísticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É oportuno que os cursos de formação básica de professores propiciem discussões sobre as diversidades sociais e linguísticas.

No momento que abrimos as portas para que essa temática chegue à sala de aula das universidades, propiciamos um pensar crítico e reflexivo sobre as atitudes procedimentais do professor diante de situações em que há manifestações linguísticas diversas.

Inferimos, diante da pesquisa realizada, que os alunos de pedagogia têm concretizado a ideia de que as variantes linguísticas estão presentes no contexto social e

de que abordá-la em sala de aula é contribuir para a conscientização de que a língua é heterogênea, combatendo o preconceito social e linguístico.

ABSTRACT

With the emergence of sociolinguistics as a science, heterogeneity and discussions of linguistic variations began to be considered in different social contexts, entering the classroom. It was necessary, then, to consider two basic issues in Portuguese language teaching: preserving the student's linguistic identity and teaching the standard variant. Believing that changes in teaching begin with the basic training of teachers, we decided to investigate the conception of future pedagogy teachers in relation to the reason for teaching linguistic variants in the classroom. Therefore, a question guided this study: How do pedagogy students at the Federal University of Piauí conceive why to teach linguistic variants in the classroom? Our objectives were: to verify the basic formation of the pedagogy student in terms of theoretical-methodological models of sociolinguistics and to analyze their vision of why linguistic variants are taught. We carried out an action research, of a quantitative and qualitative nature. The subjects of our study were 19 students from the pedagogy course, who responded to an asynchronous forum with the theme "the Portuguese class". We use a theoretical approach, based on authors such as Labov (1969), Faraco (1998), Mollica and Braga (2003) and Silva (2018), Soares (1989), Bagno (2000), Beline (2002), Bortoni-Ricardo (2004), Faraco (1998), Mattos and Silva (2006), Bagno (2007), Antunes (2007), Santos, Nogueira and Andrade (2017) and Damacena (2020). The result shows that pedagogy students understand that the teaching of the portuguese language should make it possible to raise awareness of social and, consequently, linguistic differences.

Keywords: Teaching, Linguistic variants, Pedagogy.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática**: por um ensino de língua sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola editorial, 2007.

BAGNO, Marcos. **Dramática da língua portuguesa**: tradição gramatical, mídia e exclusão social. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

_____. **Nada na língua é por acaso** – por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola, 2007.

BELINE, Ronald. A variação linguística. In: FIORIN, José Luiz (Org). **Introdução à linguística**. São Paulo: Contexto, 2002. p 121-140.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna**: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola, 2004.

CARNEIRO, Vera Lúcia G. **Diversidade linguística**: variação linguística e prática pedagógica. ENTRELETRAS, Araguaína/TO, v. 5, n. 2, p. 102-111, ago./dez. 2014. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos>. Acesso em: 29 de jun.21.

DAMACENA, Bianca M. Q. **A formação de professores de língua portuguesa: uma abordagem sociolinguística.** Revista Trem de Letras. Alfenas, MG V. 7 n.2 1-20, 2020. Disponível em: <https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/indagacoeseducacao> Acesso em: 26 de jun 2021.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas.** São Paulo: Ática, 1998.

GÖRSKI, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmkuhl. **Variação linguística e ensino de gramática.** Work. pap. linguíst., 10 (1): 73-91, Florianópolis, jan. jun., 2009. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/ppgel/pages/arquivos/10749-39705-1-PB.pdf>. Acesso em: 26 de jun 21.

LABOV W. **The logic of nonstandard English.** Philadelphia. University of Pennsylvania Press. 1969.

MOLLICA, Maria Cecília e BRAGA Maria Luiza. **Introdução a sociolinguística: o tratamento da variação.** 2ª ed. – São Paulo: Contexto, 2003.

MOREIRA, Herivelto; CALEFFE, Luiz Gonzaga. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

SANTOS, Andreza Marcião dos; NOGUEIRA, Ana Cláudia Fernandes; ANDRADE, Aldair Oliveira de. **A importância da abordagem sociolinguística para a formação do professor de língua portuguesa.** R. Letras, Curitiba, v. 19, n. 26, p. 1-15, set. 2017. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rl/article/view/6961/4897>. Acesso em: 26 de maio 21.

SILVA, Juliana da. **Sociolinguística e ensino: diálogos pertinentes.** Revista Práticas de Linguagem, v. 8, n. 2, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/praticasdelinguagem/article/view/28315> Acesso em: 02 de julho 21.

SOUZA, Kellcia Rezende; KERBAUY, Maria Teresa Miceli. **Abordagem quantitativa-qualitativa: superação da dicotomia quantitativa-qualitativa na pesquisa em educação.** Educação e Filosofia, Uberlândia, v. 31, n. 61, p. 21-44, jan./abr. 2017. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/29099/21313>. Acesso em: 26 jun de 21.

TRIPP, David. **Pesquisa-ação: uma introdução metodológica.** Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. Revista de Educação e Pesquisa. São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.